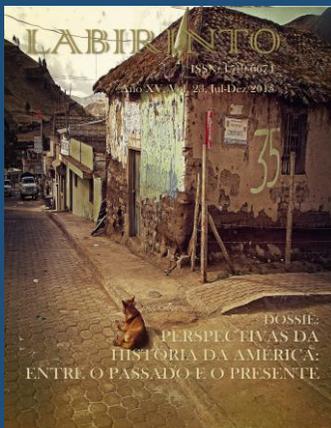


UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XV
VOLUME 23
(JUL-DEZ)
2015
PP. 338-341.

DA VITROLA AO IPOD: UMA HISTÓRIA DA INDÚSTRIA FONOGRAFICA NO BRASIL
(RESENHA DA OBRA: VICENTE, EDUARDO. DA VITROLA AO IPOD: UMA HISTÓRIA DA INDÚSTRIA FONOGRAFICA NO BRASIL. SÃO PAULO: ALAMEDA, 2014.)

DIOGO SILVA MANOEL

Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis)

Bolsista CNPq

crash_diogo@hotmail.com

Da série de pesquisas que trazem luz à história da música popular brasileira, podendo identificá-las como inseridas no campo científico transdisciplinar denominado história e música, o trabalho interpretado apresenta-se como uma contribuição científica de grande importância para este orbe. A publicação recente decorrente de anos de pesquisa expõe um estudo que traça um panorama histórico do desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil em seus mais diversos aspectos, focando-se nas gravações musicais brasileiras desde os anos 1960 até à atualidade. A narrativa aqui é um discurso histórico feito por um pesquisador acadêmico que não se pode apontar como um historiador de ofício. Porém, pesquisadores inseridos na esfera contemplada pela equação história e música compreendem que a produção do conhecimento científico nessa área é direcionada pelos historiadores profissionais, musicólogos e teóricos da comunicação.

Eduardo Vicente, em recente publicação procedente de sua tese defendida na Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo em 2002, explora a história musical brasileira por meio do estudo da implantação e desenvolvimento da atividade fonográfica no país. O autor realiza tal percurso histórico orientando-se por essa importante faceta da indústria cultural nacional. Procedendo da música convertida em fonograma, Vicente analisa a produção das canções, seus artistas e o mercado de

negócios deste universo. Com o avanço na utilização da canção popular em fonograma como objeto de análise pelas ciências humanas e sociais desde meados de 1960, este estudo procede sob uma perspectiva pouco usual para se compreender o maior bem cultural nacional: a canção. Por meio de uma análise original, estamos diante de informações que preenchem lacunas necessárias para pensar a música popular o âmbito acadêmico.

Ao partir do tema que proporciona um objeto de estudo insigne, objeto esse que possibilita um trânsito amplo entre passado e presente - incursão que seria um tanto atípica para temas específicos investigados por historiadores de ofício, o capítulo inicial dita o tom do desenvolvimento da obra. Pautado por fontes jornalísticas, dados estatísticos e depoimentos de profissionais do ramo, autor discorre sobre a organização do mercado fonográfico internacional, tendo como premissa a tradição de estudos acadêmicos sobre a organização da indústria fonográfica estadunidense. Indústria essa que seria no modelo industrial utilizado como referência para a implantação da indústria cultural em nosso território. O texto disserta sobre as iniciais crises possibilitadas por inovações nos meios de reprodução dos fonogramas e

exemplifica o que seria o cerne do universo fonográfico – a relação entre as gravadoras tidas como *majors* em competição com as *indies*.

O segundo capítulo da obra trata de esmiuçar o complexo panorama da indústria fonográfica no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970. Apoiando-se novamente em fontes da imprensa, entrevistas e dados estatísticos, o autor destina o enfoque aos principais meios de reprodução de fonogramas entre esse período. Ou seja, o foco é dado ao formato Lp em contrapartida com o surgimento do compact disc no final da década de 1970. O trecho tece uma análise da consolidação desta indústria, sua decorrente divisão do trabalho e seus moldes, estabelecendo o olhar na cambiante relação entre os conglomerados de comunicação estrangeiros em contraponto com a atuação dos grupos nacionais. A trama incide no arranjo entre gravadoras *majors* estrangeiras e nacionais objetivando veiculação de gravações de artistas com grande apelo popular.

O terceiro capítulo da obra confere continuidade aos componentes dos anteriores, porém, o foco temporal é a década de 1980. Conforme discorre a narrativa, mediante a conjuntura política e econômica do período, tais adversidade vividas por um Brasil em

processo de redemocratização refletiram diretamente nas atividades da indústria cultural e fonográfica no país. Turbulências e crises foram o panorama do período assim como nas décadas anteriores. O grande insucesso de gravadoras internacionais e nacionais corrobora com a “cena” fonográfica da época. Vicente elenca e disserta sobre as causas dessa crise apresentando-nos o arranjo arquitetado pelos “industriais” para superar a agrura do período. Reforça-se que o mercado brasileiro sempre foi um grande consumidor de música brasileira e a melhor forma encontrada pelas *majors* para novas adaptações nos padrões estruturais da indústria fonográfica fora o enfoque dado as gravações de segmentos populares – música romântica, sertanejo, música infantil e rock nacional.

O quarto capítulo disserta acerca do contexto da indústria fonográfica durante década de 1990. A continuidade da narrativa até a presente temporalidade propicia um íntegro e amplo entendimento do objeto analisado. O trecho que expõe novamente as oscilações que confluíram para uma outra crise durante a década; apresenta a reestruturação pela expansão dessa indústria fonográfica no país exibindo as oposições ideológicas entre as *majors* e *indies*, ou seja, divergências entre a música e arte em oposição a música

com fins mercadológicos. O autor também expõe que combinação da consolidação das gravadoras *indies* fora motivada por o desenvolvimento de circuitos autônomos e internet, estabelecendo a formação de cenas independentes, além de traçar um quadro de como se definiu a padronização e segmentação do mercado fonográfico no período em questão.

O quinto e último capítulo da obra destaca a segmentação do mercado fonográfico ao longo dos anos, desde sua instalação até o ano de 1999. Analisando a divisão gêneros musicais presentes no mercado nacional e caracterizando os tipos como mais importantes, o autor salienta a importância do gênero samba e suas variantes em relação aos demais. Ele também expõe de forma explicativa as fusões e separações das gravadoras em um final de capítulo analítico em que elenca todas as gravadoras que exerceram suas atividades no país.

Em uma narrativa linear e cronológica Eduardo Vicente demonstra neste discurso a conjunção de oscilações que foi e ainda é a atividade industrial fonográfica no Brasil, valendo-se dessa alternância de etapas deste complexo processo como alegoria de seu enredo. *Da vitrola ao Ipod: uma história da indústria fonográfica no Brasil* é uma incursão na história da

música popular brasileira descortinada perante diferentes prismas e é extremamente profícuo nos objetivos a que se propôs. Importante fonte científica para historiadores da cultura.

REFERÊNCIAS

VICENTE, Eduardo. **Da Vitrola ao Ipod:** uma História da indústria fonográfica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2014.

Recebido em: 05/01/2016

Aprovado em: 18/01/2016

Publicado em: 29/01/2016